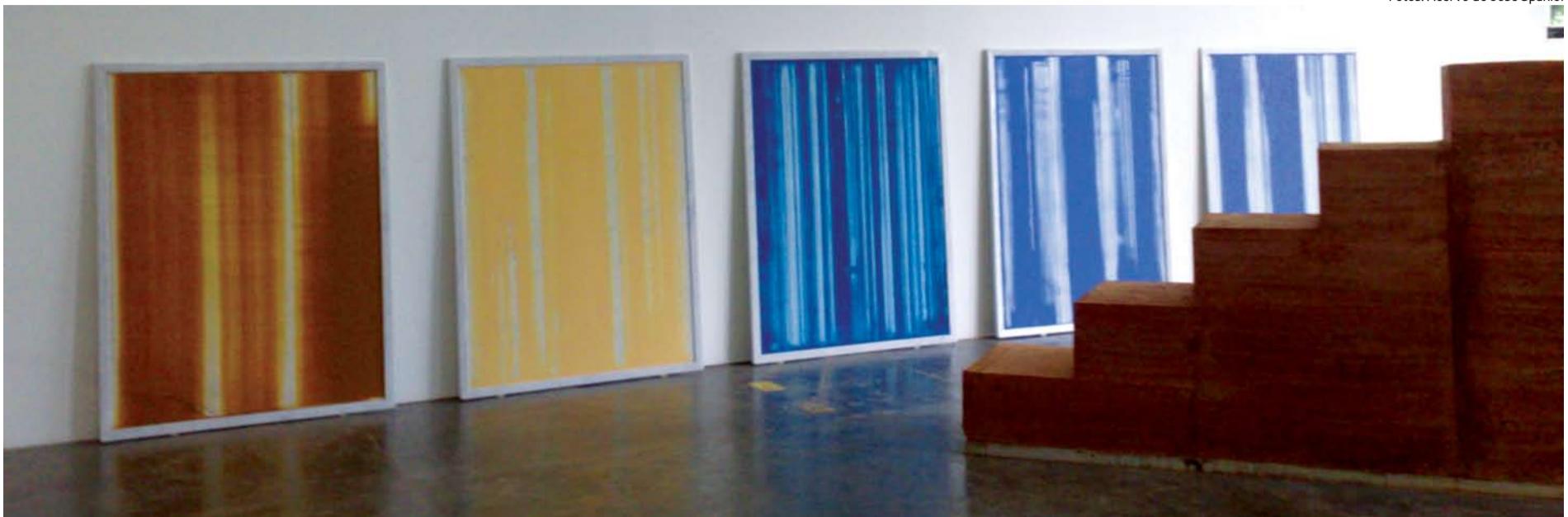


Fotos: Acervo de José Spaniol



A instalação *Vista assim*: promove a relação simbólica entre a escada de terra batida e as lousas de mármore, estimulando a criação de diversos pontos de vista que enriquecem o significado da obra

Poética dos materiais na Bienal

Instalação de José Spaniol, do Instituto de Artes, questiona a verticalidade

Há uma poética nos materiais. A criação de imagens está plenamente ligada ao domínio e à segurança no uso dos diversos elementos que o artista tem à disposição. O material em si mesmo é inerte. É o criador plástico que molda os procedimentos. O controle desses métodos não é, portanto, uma mera questão de técnica, mas de instauração de uma visão de mundo. Existe uma sutileza no fazer que permite que cada um se expresse.

Essa é a porta de entrada na instalação *Vista assim*, do artista plástico José Spaniol. Concebida especialmente para a 29ª Bienal de São Paulo, apresenta dois elementos que dialogam entre si: uma

escada de terra batida com 12 degraus de 6 metros de extensão e 4 metros de altura e lousas de mármore, recobertas por uma fina película de tinta a óleo de diferentes cores que causa efeitos incomuns.

Trava-se, assim, na obra de Spaniol um diálogo entre os materiais. A terra, o mármore e a tinta a óleo na instalação da Bienal promovem uma relação que passa por variadas questões, como a simbólica, no caso da escada, mas, principalmente, pelas conversas estabelecidas entre a opacidade da terra, por exemplo, e o espelhamento propiciado pelo mármore, que se torna fosco pelo uso da tinta a óleo.

O título da instalação caracteriza-se pela ambiguidade, pois permite múltiplas leituras. Abre um enunciado e deixa espaço para o público. Isso é obtido, em grande parte, pelo uso dos dois pontos. A pessoa pensa que vê as coisas assim, sendo que a obra pode ser encarada como

uma paisagem ou um pensamento. Será mais um ponto de vista, que não necessariamente reflete ou repete o do criador.

A instalação, em parte comissionada pela Bienal por se tratar de artista convidado, para se concretizar, necessitou de apoio financeiro da **Unesp**, onde leciona, e das galerias Baró, de São Paulo, SP, e H. A. P., do Rio de Janeiro, com as quais trabalha.

O curioso é que a terra de Spaniol é erguida na forma de escada. A horizontalidade ganha então uma verticalidade que motiva a aproximação com uma metáfora em que a terra se aproxima literalmente do céu. Nesse aspecto, não é arbitrário o fato de os 12 degraus da escada quase tocarem o teto do edifício da Bienal.

O conceito de subir uma escada está vinculado a um galgar existencial em termos de conhecimento. Ele pode ser coligado também à descida aos mundos inferiores, infernais e subterrâneos, mas essa possibilidade não se dá na instalação de Spaniol na Bienal. Só permanece a oportunidade de subir ou de aguardar a descida de alguém, no entanto, a fragilidade do material utilizado, associado, como vimos, à horizontalidade, inibe essa ascensão.

Mármore e óleo – Se a terra porta em si uma rica simbologia ligada às origens do ser humano, já que ele foi moldado nesse material, o mármore e o óleo constituem um par muito curioso, pois Spaniol estabelece entre eles conversas visualmente muito ricas, em que o brilho da pedra tende a ser sugado pela opacidade da tinta.

O fosco da tinta e da terra, perante o brilho do mármore, aprofunda a poética dos materiais que tanto interessa a José Spaniol. Se a discussão não se dá, dentro da 29ª Bienal, no universo da arte e política no sentido mais estrito, permite uma jornada pela metáfora da ascensão ao plano divino, condenada pelos representantes do sagrado.

Nesse sentido de conversa entre os materiais e de ocupação do espaço, a visita da instalação durante o dia é mais interessante. É que do lado externo do prédio da Bienal uma frondosa árvore está justamente atrás da escada, emoldurando uma espécie de Paraíso perdido, ao qual somente seria possível chegar subindo os degraus, o que tecnicamente não é possível.

Dessa forma, a instalação *Vista assim*: cumpre o seu papel de gerar entendimentos e compreensões múltiplas como o título escolhido por José Spaniol sugere. Ele abre um enunciado, permitindo um olhar renovado sobre a paisagem vista na forma de instalação. O barro ascensional e as lousas expostas na vertical aludem a uma ascensão possível, mas não garantida.

O importante é que a instalação de Spaniol, docente do Instituto de Artes, em São Paulo, convida o observador a ser um partícipe do processo. O lugar ativo do público está assegurado porque é a interpretação dos objetos vistos e do diálogo dos elementos utilizados que permite definir os numerosos pontos de vista que enriquecem a obra. Terra, mármore e tinta a óleo cristalizam assim o interesse do artista gaúcho pela importância dos materiais e pela poética que eles instauram.

Oscar D'Ambrosio



Artista plástico observa efeitos de opacidade e brilho em trabalhos em seu atêlie

Serviço: Fundação Bienal Parque Ibirapuera • Portão 3 • Pavilhão Ciccillo Matarazzo. Até 12 de dezembro. Horários de funcionamento: de 2ª a 4ª feira, das 9 às 19h; 5ª e 6ª feira, das 9 às 22h. Sábado e domingo: das 9 às 19h. Entrada gratuita e admitida até uma hora antes do fechamento.